



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/05/2025 e 15/05/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/05/2025	10,44	287,20	48,15	5,05	4,41
12/05/2025	10,66	291,10	49,49	4,99	4,40
13/05/2025	10,67	285,90	51,10	5,01	4,36
14/05/2025	10,67	285,40	51,62	5,08	4,38
15/05/2025	10,51	296,40	49,32	5,32	4,48
Média	10,59	289,20	49,94	5,09	4,41

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não Me Toque	119,00	
PR – Pato Branco	120,00	
PR – M.C.Rondon	SC	
MT – C.N.Parecis	103,00	
MS – Maracaju	117,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	115,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	70,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	62,00	
SC – Rio do Sul	66,00	
PR – M.C.Rondon	SC	
PR – Pato Branco	59,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	59,00	
SP – Itapetininga	70,00	
SP – Campinas	71,00	CIF
GO – Rio Verde	65,00	
GO – Jataí	65,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	80,00	
PR – M.C.Rondon	SC	

Período: 14/05/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/05/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	ND	ND	ND

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/05/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	ND
Feijão (saco 60 Kg)	ND
Sorgo (saco 60 Kg)	60,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	ND
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,71**
Boi gordo (Kg vivo)*	ND

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Março/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado, em Chicago, após atingir a US\$ 10,67/bushel durante a semana, acabou recuando. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (15) em US\$ 10,51/bushel, contra US\$ 10,36 uma semana antes. Lembrando que a partir deste dia 15, o primeiro mês cotado passou a ser julho.

Três motivos estiveram ligados a este movimento: o anúncio de um acordo comercial entre EUA e China, o qual reduziu consideravelmente as tarifas comerciais entre os dois países; a disparada nas cotações do óleo de soja (chegou a 51,62 centavos de dólar por libra-peso no dia 14/05, a mais alta cotação desde o dia 30/11/2023, para depois recuar a 49,32 centavos de dólar no dia 15/05); e a confirmação de uma safra apertada nos EUA, pela redução de área semeada, anunciada no relatório do dia 12/05.

No que diz respeito a este relatório de oferta e demanda, as primeiras projeções para o ano comercial 2025/26 indicaram o seguinte:

- 1) Redução de 4,1% na área a ser semeada com soja nos EUA em relação ao ano anterior;
- 2) Preço médio aos produtores estadunidenses de soja no novo ano comercial em US\$ 10,25/bushel, contra US\$ 9,95 em 2024/25;
- 3) Produção dos EUA projetada em 118,1 milhões de toneladas, contra 118,8 milhões na parcialmente frustrada safra anterior;
- 4) Estoques finais estadunidenses em 8,03 milhões de toneladas, contra 9,53 milhões um ano antes;
- 5) Produção mundial de soja em 426,8 milhões de toneladas, após 420,9 milhões em 2024/25;
- 6) Estoques finais mundiais em 124,3 milhões, contra 123,2 milhões de toneladas um ano antes;
- 7) Produção brasileira projetada em 175 milhões de toneladas para 2025/26, enquanto a Argentina ficaria em 48,5 milhões e o Paraguai em 11 milhões de toneladas;
- 8) Exportações brasileiras em 112 milhões de toneladas;
- 9) Importações da China projetadas igualmente em 112 milhões de toneladas.

Dito isso, o clima transcorre muito bem nos EUA a ponto de o plantio chegar, no dia 11/05, a 48% da área esperada, contra 37% na média histórica dos últimos cinco anos.

Por sua vez, na Argentina, segundo a Bolsa de Grãos de Buenos Aires, a safra atual será um pouco maior do que o indicado até o momento, devendo atingir a 50 milhões de toneladas devido aos elevados rendimentos das lavouras, mesmo diante dos problemas climáticos ocorridos. Os produtores argentinos já colheram cerca de metade da safra.

E na China, as importações de soja em abril recuaram para os menores níveis em 10 anos. As mesmas atingiram a 6,08 milhões de toneladas, com recuo de 29,1% sobre o mesmo mês do ano passado. Este é o menor volume para o mês de abril desde 2015. Um dos problemas é que, pelas exigências burocráticas locais, as cargas de soja,

agora, estão levando entre 20 a 25 dias para serem transportadas dos portos chineses até às indústrias moageiras locais, contra 7 a 10 dias anteriormente. Isso está atrasando o comércio da soja, lembrando que, mesmo com a redução para 10% nas tarifas que os chineses passaram a impor sobre o produto estadunidense, este percentual ainda é bastante elevado. De janeiro a abril, as chegadas de soja na China atingiram a 23,2 milhões de toneladas, ou seja, um recuo de 14,6% sobre o mesmo período do ano passado. Esperam-se novos recuos para os meses de maio e junho (cf. Reuters a partir de dados da Alfandega chinesa).

Para 2025/26 a China projeta importações menores de soja, devido ao fato de que o governo local vem incentivando o menor uso de farelo de soja nas rações animais. Assim, ao contrário do que prevê o USDA (112 milhões de toneladas), o governo chinês projeta compras externas de 95,8 milhões de toneladas para o novo ano comercial. Para o atual ano comercial, 2024/25, o volume a ser importado pelos chineses igualmente é menor do que o indicado pelo USDA, devendo ficar ao redor de 96 milhões de toneladas, contra 104,8 milhões em 2023/24. Pelo sim ou pelo não, o fato é que está existindo muitas diferenças entre as estatísticas apontadas pelos chineses e as que o mercado internacional informa.

Por sua vez, segundo os agricultores estadunidenses, mesmo com a forte redução, por 90 dias, nas tarifas comerciais entre EUA e China, os 10% que ficaram não são suficientes para eles serem mais competitivos que os produtores brasileiros.

E aqui no Brasil, com um câmbio ao redor de R\$ 5,60 a R\$ 5,65 por dólar, os preços pouco reagiram devido a melhoria das cotações em Chicago. Isso porque os prêmios também cederam a partir do anúncio do novo acordo comercial entre EUA e China, o qual tende a levar os chineses a aumentarem as importações da oleaginosa dos EUA. Assim, as principais praças gaúchas se mantiveram entre R\$ 119,00 a R\$ 120,00/saco. Nas demais regiões brasileiras os valores oscilaram entre R\$ 103,00 e R\$ 120,00.

Em relação aos prêmios, os mesmos chegaram a bater nos níveis mais baixos dos últimos três meses, levando o preço da soja a recuar até cinco reais por saco em algumas regiões do país. Ajudou para isso a redução das margens de esmagamento no Brasil, levando a maiores ofertas para exportações da oleaginosa.

Enfim, a comercialização da atual safra 2024/25 ainda está lenta no Brasil. Até a semana passada a mesma havia chegado a 57% da produção projetada, contra a média histórica de 70,3%.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, iniciaram a semana com leve viés de baixa, pressionadas pelos números vindos do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/05. Porém, o fechamento da quinta-feira (15) ficou melhor, atingindo a US\$ 4,48/bushel, contra US\$ 4,39 uma semana antes.

O relatório foi relativamente baixista para as cotações, na medida em que, para o novo ano comercial 2025/26, apontou os seguintes números para o milho:

- 1) A área que vem sendo semeada nos EUA, com o cereal, neste novo ano comercial, deverá crescer 5,2% em relação ao ano anterior;
- 2) Com isso, a produção estadunidense de milho está projetada em 401,8 milhões de toneladas neste novo ano, o que representará um aumento de 6,4% sobre o ano anterior;
- 3) Os estoques finais estadunidenses subirão para 45,7 milhões de toneladas, contra 36 milhões um ano antes;
- 4) Assim, o preço médio ao produtor estadunidense de milho, para 2025/26, ficaria em US\$ 4,20/bushel, contra US\$ 4,35 no ano anterior;
- 5) Já a produção mundial de milho está projetada em 1,265 bilhão de toneladas, sendo 3,6% maior do que o colhido no ano anterior;
- 6) Por sua vez, os estoques finais mundiais do cereal subiriam para 277,8 milhões de toneladas, contra 251,3 milhões em 2024/25;
- 7) A produção brasileira de milho ficaria em 131 milhões de toneladas e a da Argentina chegaria a 53 milhões;
- 8) As exportações brasileiras alcançariam 43 milhões de toneladas no novo ano comercial.

Dito isso, o plantio da nova safra 2025/26, nos EUA, até o dia 11/05, atingia a 62% da área esperada para o cereal, contra 56% na média histórica. Da área semeada, 28% haviam germinado.

Por outro lado, a colheita do milho na Argentina também vem produzindo rendimentos melhores do que o esperado, fato que permite esperar uma colheita final de 49 milhões de toneladas, contra menos de 48 milhões indicados na estimativa anterior. Lembrando que, no momento do plantio, a expectativa era de 52 a 53 milhões de toneladas. Os produtores argentinos, até o final da semana anterior já haviam colhido 34,9% da área, lembrando que o vizinho país é o terceiro exportador mundial de milho.

Ainda no front externo, os exportadores de milho dos EUA tendem a enfrentar mais concorrência do Brasil em 2025/26. Isso, obviamente, dependerá do volume final que os dois países irão produzir neste novo ano comercial. Neste sentido, pelas projeções de produção estadunidense, qualquer problema climático em suas lavouras de verão pode apertar a oferta local de milho e gerar elevações das cotações do cereal no final do corrente ano.

E no Brasil, os preços do cereal se mantiveram com viés de baixa, na medida em que se aproxima o período de colheita da safrinha nacional. As principais praças gaúchas sinalizaram R\$ 62,00/saco. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 59,00 e R\$ 70,00/saco.

Além da proximidade da colheita da safrinha, a colheita de verão se aproxima do fim, igualmente pressionando os preços internos. Diante disso, os compradores esperam, na expectativa de preços ainda mais baixos logo adiante. Segundo o Cepea/Esalq as desvalorizações do preço externo do milho e a valorização do Real no Brasil favorecem importações e ajudam a pressionar para baixo os preços internos.

Em paralelo, a produção brasileira de milho, segundo a ABRAMILHO, deverá ficar em 125 milhões de toneladas em 2024/25. Há indicativos de que o consumo de milho, pela indústria nacional de etanol, pode mais do que dobrar logo adiante. Isso será uma

pressão para preços mais altos do cereal, especialmente se a produção continuar girando nos atuais níveis. Hoje, o etanol de milho já estaria consumindo ao redor de 20 milhões de toneladas do grão, por ano. Para 2032 a previsão é de que a produção de etanol de milho, no Brasil, atinja a 16 bilhões de litros, contra os 9,5 bilhões previstos para 2024/25. O Brasil teria planos para aumentar a mistura de etanol à gasolina, de 27% para 30%, nos próximos anos. Algumas das usinas existentes estariam preparadas para utilizar também o sorgo como fonte de etanol. Ainda neste ano uma planta industrial utilizando o sorgo deverá começar a operar no Mato Grosso do Sul.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, após recuos importantes (no dia 12/05 o bushel bateu em US\$ 4,99, a mais baixa cotação, para o primeiro mês, desde o dia 26/08/2024), fecharam a quinta-feira (15) em níveis bem melhores, atingindo a US\$ 5,32/bushel, contra US\$ 5,13 uma semana antes.

Assim como no caso do milho, as negociações comerciais entre EUA e China pouco influenciaram nos preços do trigo. Entretanto, os dados do relatório de oferta e demanda, do dia 12/05, foram importantes. Os mesmos apontaram, para o ano de 2025/26, os seguintes números:

- 1) A área a ser semeada com todos os tipos de trigo, nos EUA, reduzirá em 1,5% sobre o ano anterior;
- 2) A produção do cereal, nos EUA, está projetada em 52,3 milhões de toneladas, contra 53,6 milhões em 2024/25;
- 3) Os estoques finais estadunidenses somariam 25,1 milhões de toneladas, contra 22,9 milhões um ano antes;
- 4) O preço médio ao produtor estadunidense de trigo, em 2025/26, deverá ficar em US\$ 5,30/bushel, contra US\$ 5,50 no ano anterior;
- 5) A produção mundial do cereal somaria 808,5 milhões de toneladas, com um aumento de 1,1% sobre a do ano anterior;
- 6) Os estoques finais mundiais de trigo chegariam a 265,7 milhões de toneladas, ou seja, apenas 500.000 toneladas acima do registrado no ano anterior;
- 7) A produção da Argentina chegaria a 20 milhões de toneladas e a do Brasil em apenas 8 milhões.

Dito isso, nos EUA, até o dia 11/05, 54% das lavouras do trigo de inverno estavam em condições entre boas a excelentes, enquanto 28% estavam regulares e 18% entre ruins a muito ruins. Já a semeadura do trigo de primavera alcançava, na mesma data, 66% da área esperada, contra 49% na média histórica. Do total semeado, 27% se encontravam germinados.

Em paralelo, notícias vindas da China dão conta de que o país teria comprado entre 400.000 a 500.000 toneladas de trigo oriundas da Austrália e do Canadá. Isso em função do calor que se abate sobre as principais regiões produtoras chinesas do cereal. Lembrando que a China é o maior produtor de trigo do mundo, porém, o clima não está ajudando neste ano. Na prática, a China tem sido, nos últimos anos, um dos maiores importadores de trigo do mundo igualmente, adquirindo cerca de 11 milhões de toneladas anuais. Compradores chineses, diante da guerra comercial com os EUA,

estavam evitando comprar o produto estadunidense, fato que colaborou para a forte queda nas cotações do produto em Chicago nas últimas semanas (cf. Reuters).

E no Brasil, os preços do cereal de qualidade superior, no Rio Grande do Sul, continuaram em recuo, com as principais praças negociando o produto a R\$ 70,00/saco. Enquanto isso, no Paraná o valor se manteve em R\$ 80,00. O plantio da nova safra avança no Paraná, com 38% da área esperada já semeada até o dia 11/05. Já no Rio Grande do Sul pouca coisa havia sido semeado, sendo que a melhor janela de semeadura do cereal se abre em 20 de maio. Lembrando que a valorização do Real e o recuo dos preços internacionais do trigo favorecem a importação do mesmo, fato que ajuda a segurar os preços internos ao produtor. Por enquanto, a tendência de forte redução semeada nesta nova safra não tem impactado para cima os preços nacionais.